



Manuel Bandeira

A cinza das horas

global
editora



Manuel Bandeira

A cinza das horas

global
editora

A cinza das horas

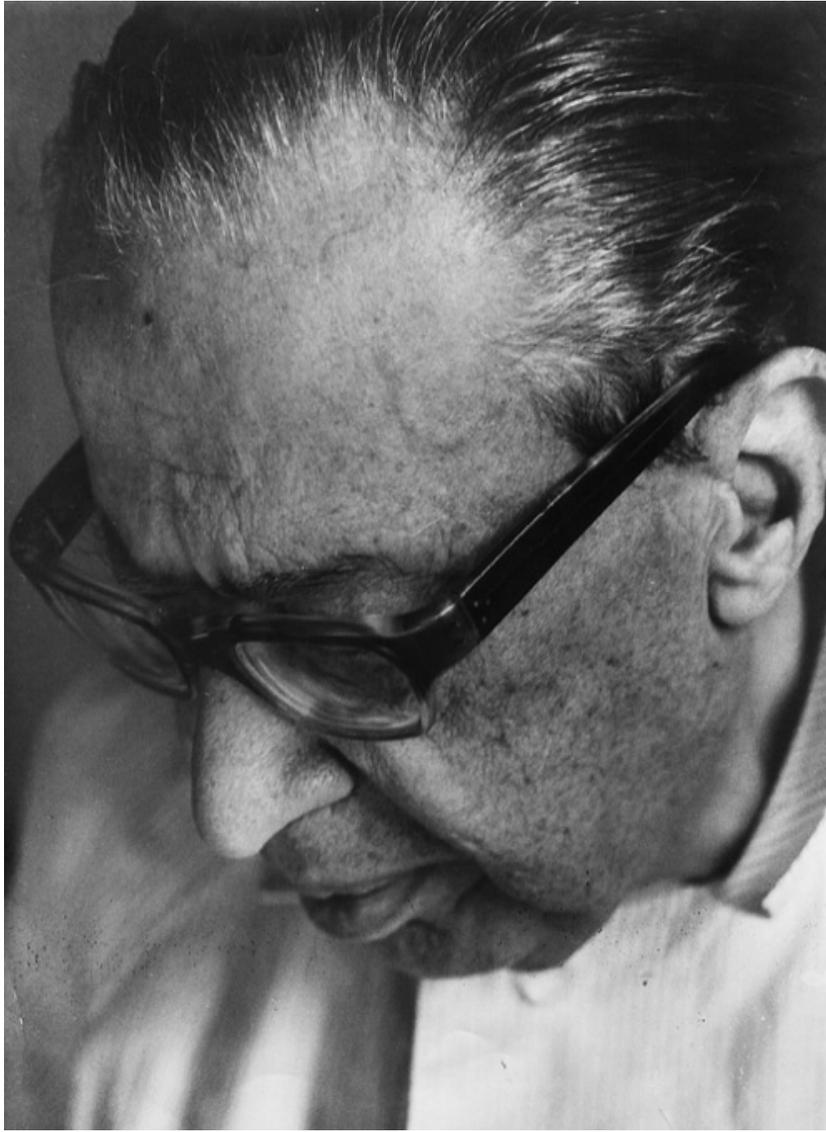
Manuel Bandeira

1ª edição digital

São Paulo

2014

global
editora

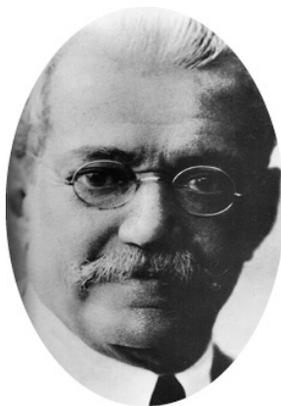




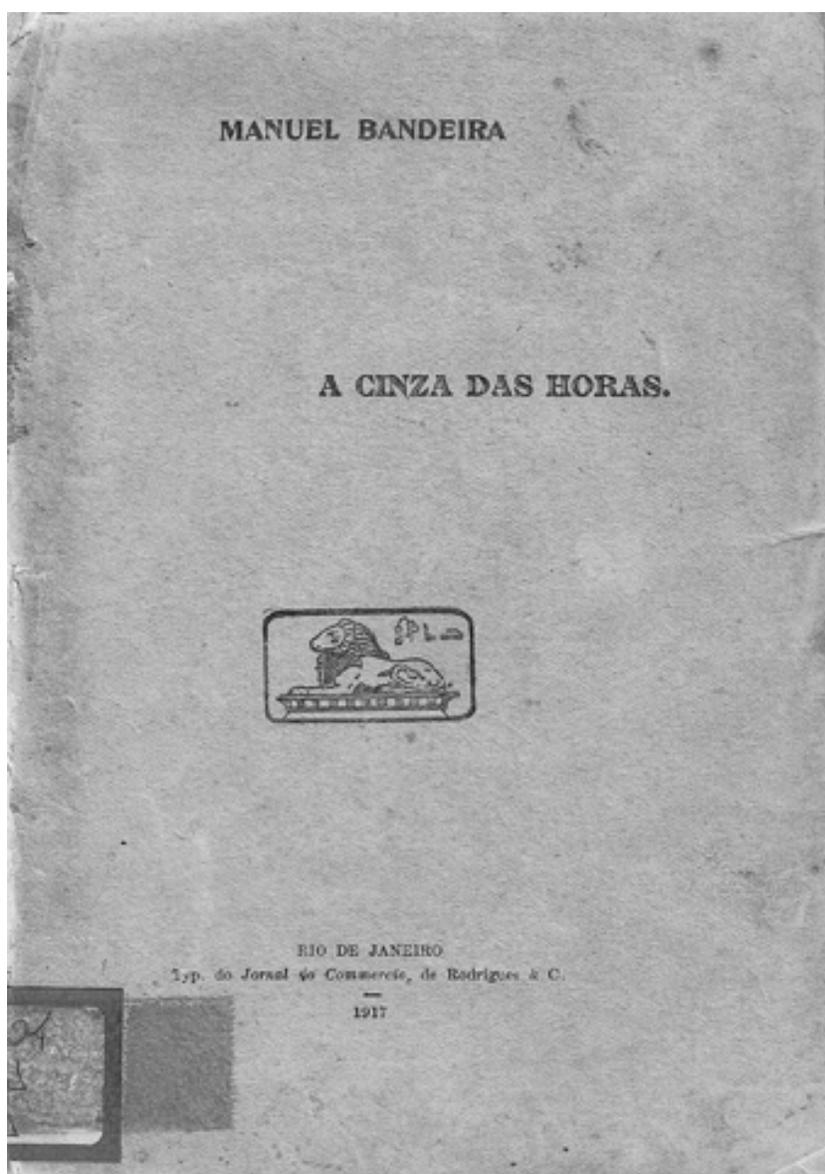
Manuel Bandeira aos seis meses de idade, Recife, 1886.



Francelina Ribeiro de Souza Bandeira, mãe do poeta, homenageada por ele em “Elegia para minha mãe”.



Manuel Carneiro de Souza Bandeira, pai do poeta.





O jovem Manuel Bandeira em Clavadel, na Suíça, onde escreveu vários poemas de *A cinza das horas*.



Prospecto do Sanatório Clavadel, no qual o jovem se hospedou para tratar de sua tuberculose em 1913, com anotações.



Luís de Camões, poeta português admirado por Bandeira, a quem dedicou o poema “A Camões”.



Antônio Nobre, poeta simbolista português homenageado por Bandeira em “A Antônio Nobre”.

A Associação Ferro-Viarla oferece os seus serviços

WASHINGTON, 7 (A. A.) — A Associação Ferro-viarla Nacional, que representa 97 % das estradas de ferro norte-americanas, offereceu os recursos de que dispõe, collocando todas as suas linhas á inteira disposição do Departamento da Guerra, não esperando assim que fossem requisitadas, como de lei.

Os jornaes allemães publicam a mensagem Wilson

NOVA YORK, 7 (Havas) — Communicam de Berlim que os Jornaes allemães publicam hoje o texto completo da mensagem do presidente Wilson, que all chegou hontem.

As mesmas informações acrescentam que o chanceller allemão, depois de minucioso estudo desse documento, declarou que nenhuma resposta official havia a dar.

Um corsario allemão nas costas americanas

NOVA YORK, 7 (Havas) — Telegraphiam de New-York:

Foi assignalado esta manhã ao largo do pharol de Nantucket um navio corsario allemão.

As autoridades do porto prohibiram a saída de navios até nova ordem.

Emulsão de Scott

PARA RESFRIAMENTOS E BRONCHITES

“A CINZA DAS HORAS” versos de Manoel Bandeira. A venda nas livrarias Garnier e Briguelet.

Os primores da nossa marcenaria

A marcenaria artistica já não tem segredos para nós, diziam-nos hoje, exactamente quando defrontavamos a conhecida casa Leandro Martins, á rua do Ouvidor.

A phrasa era expressivamente verdadeira. Parámos e attentámos no lindo mobiliario de quarto all exposto em luxuosa vitrine.

Era realmente encantador o que viamos. Um dormitorio estylo Luis XVI, em “laqué gris” e ouro legitimo, empolgava a nossa admiração.

Era uma obra perfeita, nos menores detalhes, severa e linda na sua decoração artistica, toda esculpurada e guarnecida de espelhos de crystal “biseuté”, com marmoros d’ou. A caixa era uma primor de acabamento, com a abocelira suavemente em curva, lindamente empalhada a ouro, com guilherdas de rosas esculpturadas e douradas.

As demais peças do dormitorio mereceram o mesmo carinho de excepção a que já nos habitamos a todos a casa Leandro Martins.

Em meio a propagandas de remédios e notícias da Primeira Guerra Mundial, anúncio do livro de estreia de Bandeira no jornal *A Noite*, em 7 de abril de 1917.

FON-FON

Fon-Fon em Caravellas (Bahia)



Coronel Manoel F. A. Cajazeira, docano dos negociantes de Caravellas. Allí tem exercido diversos cargos publicos, dentre os quaes o de Intendente. E' actualmente supplente de Juiz de Direito.

volta. Com esse pudor do soffrimento, que não permite o ultrage da piedade alheia e reconhece a inutilidade do desespero, Manoel Bandeira chegou tambem a saber que «a Dôr é a nobreza unica», e aconselha a alma a fazer della a sua ventura. A maneira de Baudelaire, o seu pensamento admite a mais serena intimidade com a Dôr, e poderia repetir o divino poeta:

Sais sage, ô ma Douleur, et tien-toi plus tranquille...

e dizer a essa amiga turbulenta que escute a doce Noite que marcha...

Em todo o pequeno volume, de 70 paginas, essa nota de suave melancholia passa como um perfume de flores mortas. Não é difficil ahí reconhecer afinidades, que mal se escondem, como os decadistas e symbolistas de França e com Antonio Nobre; mas, modificando essas influencias, e accentuando a clareza da expressão poetica, ha por cima uma nobre convivencia com os poetas do periodo aureo da lingua, o que talvez haja concorrido para dar caracter mais pessoal á poesia de Manoel Bandeira. E *Cinza das Horas*, sendo um livro ao mesmo tempo doloroso e encantador, é a segu-

rança de um novo nome que provavelmente augmentará os thesouros do nosso lyrisimo.

FON-FON EM POUSO ALEGRE Minas



Dr. Arthur Ribeiro Guimarães, insigne clinico e operador em Pouso Alegre, onde tem feito brilhantes curas e onde goza de geral estima, não só pela sua incontestavel proficiência como pelos seus valiosos dotes moraes.

LIVROS

Manoel Bandeira: *A Cinza das Horas*. — Rio, 1917.

E' talvez um livro de estréa, livro de um suavissimo poeta, que fente a inandade da vida e sorri, tristemente, sem queixa e sem re-

Mlle Celeste Achè

Quivido-a cantar, a gente suppe ouvir a voz: Que entvo a noss' alma sente, quando ella canta!

Na coluna “Livros” da revista *Fon-Fon*, resenha do livro publicada em 28 de abril de 1917.



Manuel Bandeira em Teresópolis, 1966.

Como nasce um clássico

Manuel Bandeira é aquele tipo de artista que podemos chamar, sem reservas, de clássico. Um autor exemplar, no qual encontramos todo o repertório de conquistas da poesia em língua portuguesa no século XX. E não apenas isso. É um poeta em que as “novidades” modernistas se fundem ao melhor da tradição lírica luso-brasileira. Bandeira sente-se à vontade tanto no verso livre quanto nas formas fixas, as quais usualmente renova, impondo-lhes um frescor todo seu. Um clássico. Dono de uma elegância fundada na simplicidade da expressão e na capacidade de forjar frases lapidares de modo ao mesmo tempo objetivo e comovente.

Como exemplo, vejamos a última estrofe de “Momento num café”,¹ poema que fala de um grupo de homens que vê passar à frente um cortejo fúnebre:

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente Este
sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição E saudava a matéria
que passava Liberta para sempre da alma extinta.

Nesse famosíssimo texto, pertencente ao livro *Estrela da manhã*, de 1936, temos o Bandeira dito maduro, aos cinquenta anos de idade. Trata-se do verso livre modernista, claro, mas o registro do idioma está longe do coloquial. Do ponto de vista do desenvolvimento temático, o poeta reveste de solenidade um episódio cotidiano (a passagem do féretro), operando, no fim, a inversão que surpreende e ilumina: na morte, é a matéria que se liberta da alma, e não o contrário. O poema parece revelar, também, que Bandeira aprendeu com Charles Baudelaire, um dos primeiros teóricos da modernidade, que “o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”.²

Contudo, *A cinza das horas*, que o leitor tem em mãos, é a obra de estreia de Manuel Bandeira, publicada aos 31 anos, após um período de

sucessivas internações e convalescências em função da tuberculose que o acometia desde a juventude. Obra de estreia, e, naturalmente, ainda longe daquela síntese feliz entre tradição e modernidade a que aludimos no começo desta apresentação.

O livro foi lançado em 1917, sendo, portanto, anterior à Semana de 1922, à qual o poeta está inevitavelmente associado em função da leitura, atravessada de vaias, de seu poema “Os sapos”, por Ronald de Carvalho. *A cinza das horas* é anterior também a *Libertinagem*, de 1930, obra na qual, consoante Ivan Junqueira,³ o poeta adquiriria sua voz modernista.

Como quase toda estreia literária, a de Bandeira serve tanto para entendermos as influências que o forjaram como artista quanto para detectarmos algumas características em gestação que viriam a torná-lo, ainda em vida, uma referência para outros grandes poetas de seu tempo.

E é justamente a partir dessa dupla chave de leitura que analisaremos a obra.

Em 1917, o Modernismo já vigorava na Europa e se insinuava na cena literária brasileira. *A cinza das horas*, no entanto, é um livro que pode ser classificado, sem maior dificuldade, como parnasiano-simbolista. Como disse Wilson Martins:⁴

No que se refere à “inserção histórica”, Bandeira foi um excêntrico, remanescente da sensibilidade simbolista em pleno fastígio do Modernismo, conforme ele próprio observou ao declarar-se “associado a uma geração que, em verdade, não era a minha”. No caso, originava-se na transição penumbriada em que ele e os seus amigos mais chegados (basta lembrar Ribeiro Couto) se situavam nos anos privilegiados de formação: era a deliquescência final do Simbolismo, prolongando-se, de forma larvar pela década seguinte [...].

O vocabulário, a insistente musicalidade, as sinestésias, as assonâncias, as inversões sintáticas que permeiam *A cinza das horas* – tudo isso já seria suficiente, no plano estilístico, para caracterizar esse “Simbolismo deliquescente” de Bandeira. Também podemos atestá-lo por meio de uma breve análise dos títulos dos poemas. “Desencanto”, “Enquanto morrem as

rosas”, “Desesperança” e “Renúncia” são alguns exemplos colhidos bastante ao acaso, mas que apontam para a melancolia que percorre o livro de ponta a ponta.

O poema de abertura, aliás, chamado muito apropriadamente de “Epígrafe”, explica a “cinza” do título e parece resumir o estado de espírito que presidirá o volume:

*Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.*

Depois, veio o mau destino

E fez de mim o que quis.

*Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão,*

*Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó –
Ah, que dor!*

*Magoado e só,
– Só! – meu coração ardeu:*

*Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.*

– Esta pouca cinza fria...

O texto alude à gênese da obra: o “mau destino” e o “mau gênio da vida” condenam o eu lírico à mágoa e à solidão, e de sua alma sobra “esta pouca cinza fria”. Ou seja, estamos diante de uma composição de evidente raiz romântica, na qual o Fado conspira contra o poeta lúcido e sensível, arremessando-o num resignado sofrimento.

Essa destinação à dor, inclusive, é simétrica e didaticamente confirmada

pelo último poema do livro, “Renúncia”, que ensina:

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira...

Além desse, veremos, por todo o livro, outro clichê romântico-decadentista, que é a associação entre a paisagem exterior e o estado de alma do poeta. Os exemplos são muitos. Citemos três deles:

O crepúsculo cai, manso como uma bênção.
Dir-se-á que o rio chora a prisão de seu leito...
As grandes mãos da sombra evangélicas pensam
As feridas que a vida abriu em cada peito.

(“Crepúsculo de outono”)

A névoa errante se enovela
Na folhagem das araucárias.
Há um suave encanto nela
Que enleia as almas solitárias...

(“À sombra das araucárias”)

Dentro da noite a vida canta
E esgarça névoas ao luar...
Fosco minguante o vale encanta.
Morreu pecando alguma santa...
A água não para de chorar.

(“Dentro da noite”)

“Crepúsculo”, “bênção”, “prisão”, “sombra”, “feridas”, “névoa”, “almas”, “santa”... Esse rol de substantivos demonstra que as escolhas lexicais também concorrem para a irmandade entre a natureza sombria e a tristeza que avassala o eu lírico – tristeza expressa, contudo, sem os exageros dos românticos históricos.

E, se “Epígrafe”, como dissemos, prefigura o combustível sentimental da obra, dois sonetos decassílabos, logo nas primeiras páginas, trazem homenagens literárias que deixam claras as influências do autor. No primeiro deles, “A Camões”, lemos no último terceto:

Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.

A intenção é clara. O autor se insere no número daqueles que devem, com sua obra, preservar a tradição vernácula, iniciada com o autor de *Os Lusíadas*. Camões (e sua sintaxe característica, *por supuesto*) é, portanto, o modelo de expressão buscado pelo poeta estreante.

Do segundo, “A Antônio Nobre”, fiquemos com o segundo quarteto:

Com que magoado olhar, magoado espanto
Revejo em teu destino o meu destino!
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,
A esmorecer e desejando tanto...

Antônio Nobre, simbolista português, com cujo destino o eu lírico explicitamente se identifica, morreu com 33 anos incompletos, depois de uma longa luta contra a tuberculose. Para além das semelhanças biográficas, o poeta luso se notabilizou pelo tom nostálgico e pela autoironia – dois aspectos também distintivos no futuro autor de “Vou-me embora pra Pasárgada”.

Do ponto de vista formal, o livro faz uso das formas fixas, é pródigo em sonetos e no uso do alexandrino (verso de doze sílabas), tão caro aos parnasianos. O conjunto atesta a mestria formal de Manuel Bandeira e o admirável domínio do idioma, embora, em alguns momentos, esse domínio se transforme em virtuosismo, e o registro de linguagem se torne castiço, como em “A aranha”, “D. Juan”, “Mancha” e “Solau do desamado”.

A leitura de *A cinza das horas*, entretanto, não serve apenas para que tomemos contato com o Manuel Bandeira pré-moderno, afeito aos maneirismos parnasianos e à atmosfera por vezes artificialmente rarefeita dos simbolistas. Temos na obra um grupo, embora pequeno, de textos de temática amorosa que deixa antever, em maior ou menor grau, um pouco do que traria a maturidade do autor, e que tanto o desloca quanto o confirma

como expoente da cena poética brasileira das primeiras décadas do século XX.

Na abertura de “Poemeto irônico”, lemos:

O que tu chamas tua paixão, É tão somente curiosidade.
E os teus desejos ferventes vão Batendo as asas na irrealdade...

A estrofe depõe contra o amor romântico, tomado textualmente por *irreal*. Além disso, a expressão torna-se, como será frequente no Bandeira da maturidade, mais espontânea e, por isso mesmo, mais justa. Acresça-se que, nos dois primeiros versos, que formam um período composto, a opção pela ordem direta, colocando a oração subjetiva à frente, empresta à passagem admirável naturalidade. Poder-se-ia dizer que entramos num tipo de registro poético assertivo e que, sem deixar de ser literário, melhor se presta à leitura em voz alta do que propriamente à declamação.

Se em “Poemeto erótico” a sensualidade surge flanqueada pelo pudor e diluída na metalinguagem (Teu corpo claro e perfeito,/ – Teu corpo de maravilha,/ Quero possuí-lo no leito/ Estreito da redondilha...), no conhecidíssimo “Boda espiritual” tem-se já um erotismo algo concreto, jovem e afirmativo:

Põe no teu rosto o gozo uma expressão de mágoa.
O teu corpo crispado alucina. De escorço
O vejo estremecer como uma sombra n’água.

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.
E para amortecer teu ardente desejo
Estendo longamente a mão pelo teu dorso...

Note-se, contudo, que, mesmo na descrição do prazer sensual, o poeta não faz concessões ao vulgar ou ao pornográfico, atingindo um notável equilíbrio entre aquilo que se deve revelar e o que se deve ocultar, em favor de um efeito erótico preciso e elegante.

Retrato da formação de um dos grandes nomes da literatura brasileira,

inventário de temas e recursos estilísticos que o acompanharão por toda a carreira, antecipações de sua obra da maturidade... Apesar das convenções de que o livro é tributário, são diversas as razões para lermos ainda hoje, e com prazer, este *A cinza das horas*. A maior delas, sem dúvida, é que ele nos oferece poesia de excelente qualidade. O que não surpreende. Afinal, trata-se de Manuel Bandeira. Um autor clássico – e, portanto, sempre acima da média. Um clássico – e, por definição, exemplar. E capaz, já em sua estreia, de atingir esta síntese entre efemeridade e eternidade, entre contenção e comoção, que caracteriza todo grande poeta.

Cláudio Neves

¹ BANDEIRA, Manuel. In: *Estrela da manhã*. São Paulo: Global Editora, 2012, p. 43.

² BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

³ BANDEIRA. “Testamento de Pasárgada”. In: *Antologia poética*, 2. ed. rev. [org. e estudos de Ivan Junqueira]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

⁴ MARTINS, Wilson. “Enfim nele mesmo”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 dez. 2003.

Epígrafe

*Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.*

*Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão,*

*Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó –
Ah, que dor!*

*Magoado e só,
– Só! – meu coração ardeu:*

*Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.*

– Esta pouca cinza fria...

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

– Eu faço versos como quem morre.

Teresópolis, 1912

A Camões

Quando n'alma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza,
Busque ela sempre a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandeza:
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.

A Antônio Nobre

Tu que penaste tanto e em cujo canto
Há a ingenuidade santa do menino;
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,
E cujo pranto faz correr o pranto:

Com que magoado olhar, magoado espanto
Revejo em teu destino o meu destino!
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,
A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz como as crianças.
Sorriu a Glória às tuas esperanças
E beijou-te na boca... O lindo som!

Quem me dará o beijo que cobiço?
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.

Petrópolis, 3-2-1916

Paisagem noturna

A sombra imensa, a noite infinita enche o vale...

E lá do fundo vem a voz

Humilde e lamentosa

Dos pássaros da treva. Em nós,

– Em noss' alma criminosa,

O pavor se insinua...

Um carneiro bale.

Ouvem-se pios funerais.

Um como grande e doloroso arquejo

Corta a amplidão que a amplidão continua...

E cadentes, metálicos, pontuais,

Os tanoeiros do brejo,

– Os vigias da noite silenciosa,

Malham nos aguçais.

Pouco a pouco, porém, a muralha de treva

Vai perdendo a espessura, e em breve se adelgaça

Como um diáfano crepe, atrás do qual se eleva

A sombria massa

Das serranias.

O plenilúnio vai romper... Já da penumbra

Lentamente reslumbra

A paisagem de grandes árvores dormentes

E cambiantes sutis, tonalidades fugidias,

Tintas deliquescentes

Mancham para o levante as nuvens langorosas.

Enfim, cheia, serena, pura,

Como uma hóstia de luz erguida no horizonte,

Fazendo levantar a fronte

Dos poetas e das almas amorosas,

Dissipando o temor nas consciências medrosas

E frustrando a emboscada a espiar na noite escura,

– A Lua

Assoma à crista da montanha.

Em sua luz se banha

A solidão cheia de vozes que segredam...

Em voluptuoso espreguiçar de forma nua

As névoas enveredam

No vale. São como alvas, longas charpas

Suspensas no ar ao longo das escarpas.

Lembram os rebanhos de carneiros

Quando,

Fugindo ao sol a pino,

Buscam oitões, adros hospitaleiros

E lá quedam tranquilos ruminando...

Assim a névoa azul paira sonhando...

As estrelas sorriem de escutar

As baladas atrozes

Dos sapos.

E o luar úmido... fino...

Amávico... tutelar...

Anima e transfigura a solidão cheia de vozes...

Teresópolis, 1912

Ruço

Muda e sem trégua
Galopa a névoa, galopa a névoa.

Minha janela desmantelada
Dá para o vale do desalento.
Sombrio vale! Não vejo nada
Senão a névoa que toca o vento.

Lá vão os dias de minha infância
– Imagens rotas que se desmancham:

O vento do largo na praia,
O meu vestidinho de saia,

Aquele corvo, o voo torvo,
O meu destino aquele corvo!

O que eu cuidava do mundo mau!
Os ladrões com cara de pau!

As histórias que faziam sonhar;
E os livros: *Simplício olha pra o ar*,

João Felpudo, Viagem à roda do mundo
Numa casquinha de noz.

A nossa infância, ó minha irmã, tão longe de nós!

Versos escritos n'água

Os poucos versos que aí vão,
Em lugar de outros é que os ponho.
Tu que me lêes, deixo ao teu sonho
Imaginar como serão.

Neles porás tua tristeza
Ou bem teu júbilo, e, talvez,
Lhes acharás, tu que me lêes,
Alguma sombra de beleza...

Quem os ouviu não os amou.
Meus pobres versos comovidos!
Por isso fiquem esquecidos
Onde o mau vento os atirou.

Inscrição

Aqui, sob esta pedra, onde o orvalho roreja,
Repousa, embalsamado em óleos vegetais,
O alvo corpo de quem, como uma ave que adeja,
Dançava descuidosa, e hoje não dança mais...

Quem não a viu é bem provável que não veja
Outro conjunto igual de partes naturais.
Os véus tinham-lhe ciúme. Outras, tinham-lhe inveja.
E ao fitá-la os varões tinham pasmos sensuais.

A morte a surpreendeu um dia que sonhava.
Ao pôr do sol, desceu entre sombras fiéis
À terra, sobre a qual tão de leve pesava...

Eram as suas mãos mais lindas sem anéis...
Tinha os olhos azuis... Era loura e dançava...
Seu destino foi curto e bom...

– Não a choreis.

Chama e fumo

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Medita no que vais fazer:

O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa,

Dono do meu e do teu ser,

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Tanto ele queima! e, por desgraça,

Queimado o que melhor houver,

O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa,

Triste ou feliz, pena ou prazer,

Amor – chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurora enlaça,

Como é pungente o entardecer!

O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça.

Amor, fogueira linda a arder!

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Porquanto, mal se satisfaça,

(Como te poderei dizer?...)

O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaça.
Tão triste que é! Mas... tem de ser...
Amor?... – chama, e, depois, fumaça:
O fumo vem, a chama passa...

Teresópolis, 1911

Confissão

Se não a vejo e o espírito a afigura,
Cresce este meu desejo de hora em hora...
Cuido dizer-lhe o amor que me tortura,
O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora.

Cuido contar-lhe o mal, pedir-lhe a cura...
Abrir-lhe o incerto coração que chora,
Mostrar-lhe o fundo intacto de ternura,
Agora embravecida e mansa agora...

E é num arroubo em que a alma desfalece
De sonhá-la prendada e casta e clara,
Que eu, em minha miséria, absorto a aguardo...

Mas ela chega, e toda me parece
Tão acima de mim... tão linda e rara...
Que hesito, balbucio e me acobardo.

Crepúsculo de outono

O crepúsculo cai, manso como uma bênção.

Dir-se-á que o rio chora a prisão de seu leito...

As grandes mãos da sombra evangélicas pensam

As feridas que a vida abriu em cada peito.

O outono amarelece e despoja os lariços.

Um corvo passa e grasna, e deixa esparso no ar

O terror augural de encantos e feitiços.

As flores morrem. Toda a relva entra a murchar.

Os pinheiros porém viçam, e serão breve

Todo o verde que a vista espairecendo vejas,

Mais negros sobre a alvura inânime da neve,

Altos e espirituais como flechas de igrejas.

Um sino plange. A sua voz ritma o murmúrio

Do rio, e isso parece a voz da solidão.

E essa voz enche o vale... o horizonte purpúreo...

Consoladora como um divino perdão.

O sol fundiu a neve. A folhagem vermelha

Reponta. Apenas há, nos barrancos retortos,

Flocos, que a luz do poente extática semelha

A um rebanho infeliz de cordeirinhos mortos.

A sombra casa os sons numa grave harmonia.

E tamanha esperança e uma tão grande paz

Avultam do clarão que cinge a serrania,
Como se houvesse aurora e o mar cantando atrás.

Clavadel, 1913

A canção de Maria

Que é de ti, melancolia?...
Onde estais, cuidados meus?...
Sabei que a minha alegria
É toda vinda de Deus...
Deitei-me triste e sombria,
E amanheci como estou...
Tão contente! Todavia
Minha vida não mudou.
Acaso enquanto dormia
Esquecida de meus ais,
Um sonho bom me envolvia?
Se foi, não me lembro mais...
Mas se foi sonho, devia
Ser bom demais para mim...
Senão, não me sentiria
Tão maravilhada assim.

Ó minha linda alegria,
Trégua dos cuidados meus,
Por que não vens todo dia,
Se és toda vinda de Deus?

Clavadel, 1913

A aranha

Não te afastes de mim, temendo a minha sanha
E o meu veneno... Escuta a minha triste história:
Aracne foi meu nome e na trama ilusória
Das rendas florescia a minha graça estranha.

Um dia desafiei Minerva. De tamanha
Ousadia hoje expio a incomparável glória...
Venci a deusa. Então, ciumenta da vitória,
Ela não me perdoou: vingou-se e fez-me aranha!

Eu que era branca e linda, eis-me medonha e escura.
Inspiro horror... Ó tu que espias a urdidura
Da minha teia, atenta ao que o meu palpo fia:

Pensa que fui mulher e tive dedos ágeis,
Sob os quais incessante e vária a fantasia
Criava a pala sutil para os teus ombros frágeis...

1907

D. Juan

Ser de eleição em cujo olhar a natureza
Acendeu a fagulha altiva que fascina,
Tu trazias aquela aspiração divina
De realizar na vida a perfeita beleza.

Creste achá-la no amor, na indizível surpresa
Da posse – o sonho mau que desvaira e ilumina.
Vencido, escarneceste a virtude mofina...
Tua moral não foi a da massa burguesa.

Morreste incontentado, e cada seduzida
Foi um ludíbrio à tua essência. Em tais amores
Não encontraste nunca o sentido da vida.

Tua alma era do céu e perdeu-se no inferno...
Para os poetas e para os graves pensadores
Da imortal ânsia humana és o símbolo eterno.

1907

Mancha

Para reproduzir o donaire sem-par
Desse alvo rosto e desse irônico sorriso
Que desconcerta e prende e atrai, fora preciso
A mestria de Helleu, de Boldini ou Besnard.

Luz faiscante malícia ao fundo desse olhar,
E há mais do inferno ali do que do paraíso...
O amor é tão somente um pretexto de riso
Para esse coração flutuante e singular.

Flor de perfume raro e de esquisito encanto,
Ela zomba dos que (pobres deles!) sem cor
Vão-lhe aos pés ajoelhar ingenuamente... Enquanto

Alguém não lhe magoar a boca de veludo...
E não a fizer ver, por si, que isso de amor
No fundo é amargo e triste e dói mais do que tudo.

1907

Cartas de meu avô

A tarde cai, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velhinhos,
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.

Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes,
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu, – fruto sem cuidado
Que inda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,

As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

À sombra das araucárias

Não aprofundes o teu tédio.
Não te entregues à mágoa vã.
O próprio tempo é o bom remédio:
Bebe a delícia da manhã.

A névoa errante se enovela
Na folhagem das araucárias.
Há um suave encanto nela
Que enleia as almas solitárias...

As cousas têm aspectos mansos.
Um após outro, a bambolear,
Passam, caminho d'água, os gansos.
Vão atentos, como a cismar...

No verde, à beira das estradas,
Maliciosas em tentação,
Riem amoras orvalhadas.
Colhe-as: basta estender a mão.

Ah! fosse tudo assim na vida!
Sus, não cedas à vã fraqueza.
Que adianta a queixa repetida?
Goza o painel da natureza.

Cria, e terás com que exaltar-te
No mais nobre e maior prazer.

A afeiçoar teu sonho de arte,
Sentir-te-ás convalescer.

A arte é uma fada que transmuta
E transfigura o mau destino.
Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta.
Cada sentido é um dom divino.

Volta

Enfim te vejo. Enfim no teu
Repousa o meu olhar cansado.
Quanto o turvou e escureceu
O pranto amargo que correu
Sem apagar teu vulto amado!

Porém já tudo se perdeu
No olvido imenso do passado:
Pois que és feliz, feliz sou eu.

Enfim te vejo!

Embora morra incontentado,
Bendigo o amor que Deus me deu.
Bendigo-o como um dom sagrado.
Como o só bem que há confortado
Um coração que a dor venceu!

Enfim te vejo!

A vida assim nos afeiçoa

Se fosse dor tudo na vida,
Seria a morte o sumo bem.
Libertadora apetecida,
A alma dir-lhe-ia, ansiosa: – “Vem!

“Quer para a bem-aventurança
“Leves de um mundo espiritual
“A minha essência, onde a esperança
“Pôs o seu hálito vital;

“Quer, no mistério que te esconde,
“Tu sejas, tão somente, o fim:
“– Olvido imperturbável, onde
“Não restará nada de mim!”

Mas horas há que marcam fundo...
Feitas, em cada um de nós,
De eternidades de segundo,
Cuja saudade extingue a voz.

Ao nosso ouvido, embaladora,
A ama de todos os mortais,
A esperança prometedora,
Segreda coisas irreais.

E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper:

Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser.

A vida assim nos afeiçoa,
Prende. Antes fosse toda fel!
Que ao se mostrar às vezes boa,
Ela requinta em ser cruel...

Imagem

És como um lírio alvo e franzino,
Nascido ao pôr do sol, à beira d'água,
Numa paisagem erma onde cantava um sino
A de nascer inconsolável mágoa...

A vida é amarga. O amor, um pobre gozo...
Hás de amar e sofrer incompreendido,
Triste lírio franzino, inquieto, ansioso,
Frágil e dolorido...

Voz de fora

Como da copa verde uma folha caída
Treme e deriva à flor do arroio fugidio,
Deixa-te assim também derivar pela vida,
Que é como um largo, ondeante e misterioso rio...

Até que te surpreenda a carne dolorida
Aquela sensação final de eterno frio,
Abre-te à luz do sol que à alegria convida,
E enche-te de canções, ó coração vazio!

A asa do vento esflora as camélias e as rosas.
Toda a paisagem canta. E das moitas cheirosas
O aroma dos mirtais sobe nos céus escampos.

Vai beber o pleno ar... E enquanto lá repousas,
Esquece as mágoas vãs na poesia dos campos
E deixa transfundir-te, alma, na alma das cousas...

Teresópolis, 1906

À beira d'água

D'água o fluido lençol, onde em áscuas cintila
O sol, que no cristal argênteo se refrata,
Crepitando na pedra, a cuja borda oscila,
Cai, gemendo e cantando, ao fundo da cascata.

Parece a grave queixa, atroando em torno a mata,
Contar não sei que mágoa inconsolada, e a ouvi-la
A alma se nos escapa e vai perder-se abstrata
Na avassalante paz da solidão tranquila...

Às vezes, a tremer na fraga faiscante,
Passa uma folha verde, e sobre a veia ondeante
Abandona-se toda, ansiosa pelo mar...

E vendo-a mergulhar na espuma que a sacode,
Não sei que íntimo e vago anseio ali me acode
De cair como a folha e deixar-me levar...

Teresópolis, 1906

Poemeto irônico

O que tu chamas tua paixão,
É tão somente curiosidade.
E os teus desejos ferventes vão
Batendo as asas na irreabilidade...

Curiosidade sentimental
Do seu aroma, da sua pele.
Sonhas um ventre de alvura tal,
Que escuro o linho fique ao pé dele.

Dentre os perfumes sutis que vêm
Das suas charpas, dos seus vestidos,
Isolar tentas o odor que tem
A trama rara dos seus tecidos.

Encanto a encanto, toda a prevês.
Afangos longos, carinhos sábios,
Carícias lentas, de uma maciez
Que se diriam feitas por lábios...

Tu te perguntas, curioso, quais
Serão seus gestos, balbuciamiento,
Quando descerdes nas espirais
Deslumbradoras do esquecimento...
E acima disso, buscas saber
Os seus instintos, suas tendências...
Espiar-lhe na alma por conhecer

O que há sincero nas aparências.

E os teus desejos ferventes vão
Batendo as asas na irreabilidade...

O que tu chamas tua paixão,
É tão somente curiosidade.

Dentro da noite

Dentro da noite a vida canta
E esgarça névoas ao luar...
Fosco minguante o vale encanta.
Morreu pecando alguma santa...
 A água não para de chorar.

Há um amavio esparso no ar...
Donde virá ternura tanta?...
Paira um sossego singular
 Dentro da noite...

Sinto no meu violão vibrar
A alma penada de uma infanta
Que definhou do mal de amar...
Ouve... Dir-se-ia uma garganta
Súplice, triste, a soluçar
 Dentro da noite...

O inútil luar

É noite. A Lua, ardente e terna,
Verte na solidão sombria
A sua imensa, a sua eterna
 Melancolia...

Dormem as sombras na alameda
Ao longo do ermo Piabanha.
E dele um ruído vem de seda
 Que se amarfanha...

No largo, sob os jambolanos,
Procuro a sombra embalsamada.
(Noite, consolo dos humanos!
 Sombra sagrada!)

Um velho senta-se a meu lado.
Medita. Há no seu rosto uma ânsia...
Talvez se lembre aqui, coitado!
 De sua infância.

Ei-lo que saca de um papel...
Dobra-o direito, ajusta as pontas,
E pensativo, a olhar o anel,
 Faz umas contas...

Com outro moço que se cala,
Fala um de compleição raquítica.

Presto atenção ao que ele fala:

– É de política.

Adiante uma senhora magra,
Em ampla charpa que a modela,
Lembra uma estátua de Tanagra.

E, junto dela,

Outra a entretém, a conversar:

– “Mamãe não avisou se vinha.

Se ela vier, mando matar

Uma galinha.”

E embalde a Lua, ardente e terna,

Verte na solidão sombria

A sua imensa, a sua eterna

Melancolia...

Solau do desamado

Donzela, deixa tua aia,
Tem pena de meu penar.
Já das assomadas raia
O clarão dilucular,
E o meu olhar se desmaia
Transido de te buscar.
Sai desse ninho de alfaia,
– Céu puro de teu sonhar,
Veste o quimão de cambraia,
Mostra-te ao fulgor lunar.
Dá que uma só vez descaia
Do ermo balcão do solar
Como uma ardente azagaia
O teu fuzilante olhar.

Donzela, deixa tua aia,
Tem pena de meu penar...

Sou mancebo de alta laia:
Não trabalho e sei justar.
Relincham em minha baia
Hacaneias de invejar.
Tenho lacaio e lacaia.

Como um boi ao meu jantar!
Castelã donosa e gaia,

Acode ao meu suspirar
Antes que a luz se me esvaia...
Tem pena de meu penar.

Vou-me ao golfo de Biscaia
Como um bastardo afogar.
Minh'alma blasfema e guaia,
Minh'alma que vais danar,
Dona Olaia, dona Olaia!

– Meu alaúde de faia,
Soluça mais devagar...

Poemeto erótico

Teu corpo claro e perfeito,
– Teu corpo de maravilha,
Quero possuí-lo no leito
Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio,
É como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado...

Rosal queimado do estio,
Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa do lume...

Teu corpo é chama e flameja
Como à tarde os horizontes...

É puro como nas fontes
A água clara que serpeja,
Que em cantigas se derrama...

Volúpia da água e da chama...

A todo o momento o vejo...
Teu corpo... a única ilha

No oceano do meu desejo...

Teu corpo é tudo o que brilha,

Teu corpo é tudo o que cheira...

Rosa, flor de laranjeira...

Paráfrase de Ronsard

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio
Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade afeia sem demora.

Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...

Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.

Plenitude

Vai alto o dia. O sol a pino ofusca e vibra.
O ar é como de forja. A força nova e pura
Da vida embriaga e exalta. E eu sinto, fibra a fibra,
Avassalar-me o ser a vontade da cura.

A energia vital que no ventre profundo
Da Terra estuante ofega e penetra as raízes,
Sobe no caule, faz todo galho fecundo
E estala na amplidão das ramadas felizes,

Entra-me como um vinho acre pelas narinas...
Arde-me na garganta... E nas artérias sinto
O bálsamo aromado e quente das resinas
Que vem na exalação de cada terebinto.

O furor de criação dionisíaco estua
No fundo das rechãs, no flanco das montanhas,
E eu absorvo-o nos sons, na glória da luz crua
E ouço-o ardente bater dentro em minhas entranhas.

Tenho êxtases de santo... Ânias para a virtude...
Canta em minh'alma absorta um mundo de harmonias.
Vêm-me audácias de herói... Sonho o que jamais pude
– Belo como Davi, forte como Golias...

E neste curto instante em que todo me exalto
De tudo o que não sou, gozo tudo o que invejo,

E nunca o sonho humano assim subiu tão alto
Nem flamejou mais bela a chama do desejo.

E tudo isso me vem de vós, Mãe Natureza!
Vós que cicatrizais minha velha ferida...
Vós que me dais o grande exemplo de beleza
E me dais o divino apetite da vida!

Clavadel, 1914

Três idades

A vez primeira que te vi,
Era eu menino e tu menina.
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina...

Ao ver-te, a rir numa gavota,
Meu coração entristeceu.
Por quê? Relembro, nota a nota,
Essa ária como enterneceu
O meu olhar cheio do teu.

Quando te vi segunda vez,
Já eras moça, e com que encanto
A adolescência em ti se fez!
Flor e botão... Sorrias tanto...
E o teu sorriso foi meu pranto...

Já eras moça... Eu, um menino...
Como contar-te o que passei?
Seguiste alegre o teu destino...
Em pobres versos te chorei.
Teu caro nome abençoei.

Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...
Quanta mudança o tempo traz

Em sua atroz monotonia!
Que é do teu riso de alegria?

Foi bem cruel o teu desgosto.
Essa tristeza é que mo diz...
Ele marcou sobre o teu rosto
A imperecível cicatriz:
És triste até quando sorris...

Porém teu vulto conservou
A mesma graça ingênua e fina...
A desventura te afeiçoou
À tua imagem de menina.
E estás delgada, estás franzina...

A minha irmã

Depois que a dor, depois que a desventura
Caiu sobre o meu peito angustiado,
Sempre te vi, solícita, a meu lado,
Cheia de amor e cheia de ternura.

É que em teu coração inda perdura,
Entre doces lembranças conservado,
Aquele afeto simples e sagrado
De nossa infância, ó meiga criatura.

Por isso aqui minh'alma te abençoa:
Tu foste a voz compadecida e boa
Que no meu desalento me susteve.

Por isso eu te amo, e, na miséria minha,
Suplico aos céus que a mão de Deus te leve
E te faça feliz, minha irmãzinha...

Clavadel, 1913

Elegia para minha mãe

Nesta quebrada de montanha, donde o mar
Parece manso como em recôncavo de angra,
Tudo o que há de infantil dentro em minh' alma sangra
Na dor de te ter visto, ó Mãe, agonizar!

Entregue à sugestão evocadora do ermo,
Em pranto rememoro o teu lento martírio
Até quando exalaste, à ardente luz de um círio,
A alma que se transia atada ao corpo enfermo.

Relembro o rosto magro, onde a morte deixou
Uma expressão como que atônita de espanto.
(Que imagem de tão grave e prestigioso encanto
Em teus olhos já meio inânimes passou?)

Revejo os teus pequenos pés... A mão franzina...
Tão musical... A fronte baixa... A boca exangue...
A duas gerações passara já teu sangue
– Eras avó –, e morta eras uma menina.

No silêncio daquela noite funeral
Ouço a voz de meu pai chamando por teu nome.
Mas não posso pensar em ti sem que me tome
Todo a recordação medonha de teu mal!
Tu, cujo coração era cheio de medos
– temias os trovões, o telegrama, o escuro –,
Ah, pobrezinha! um fim terrível, o mais duro,

É que te sufocou com implacáveis dedos.

Agora se me despedaça o coração

A cada pormenor, e o revivo cem vezes,

E choro neste instante o pranto de três meses

(Durante os quais sorri para tua ilusão!),

Enquanto que a buscar as solitárias ânsias,

As mágoas sem consolo, as vontades quebradas,

Voa, diluindo-se no longe das distâncias,

A prece vespéral em fundas badaladas!

Oceano

Olho a praia. A treva é densa.
Ulula o mar, que não vejo,
Naquela voz sem consolo,
Naquela tristeza imensa
Que há na voz do meu desejo.

E nesse tom sem consolo
Ouço a voz do meu destino:
Má sina que desconheço,
Vem vindo desde eu menino,
Cresce quanto em anos cresço.

– Voz de oceano que não vejo
Da praia do meu desejo...

Ingênuo enleio

Ingênuo enleio de surpresa,
Sutil afago em meus sentidos,
Foi para mim tua beleza,
A tua voz nos meus ouvidos.

Ao pé de ti, do mal antigo
Meu triste ser convalesceu.
Então me fiz teu grande amigo,
E teu afeto se me deu.

Mas o teu corpo tinha a graça
Das aves... Musical adejo...
Vela no mar que freme e passa...
E assim nasceu o meu desejo.

Depois, momento por momento,
Eu conheci teu coração.
E se mudou meu sentimento
Em doce e grave adoração.

Enquanto morrem as rosas...

Morre a tarde. Erra no ar a divina fragrância.

Fora, a mortiça luz dos crepúsculos arde.

Nas árvores, no oceano e no azul da distância

Morre a tarde...

Morrem as rosas. Minhas pálpebras se molham

No pranto das desesperanças dolorosas.

Sobre a mesa, pétala a pétala, se esfolham,

Morrem as rosas...

Morre o teu sonho?... Neste instante o pensamento

Acabrunha o meu ser como um pesar medonho.

Ah, por que temo assim? Dize: neste momento

Morre o teu sonho?...

Ternura

Enquanto nesta atroz demora,
Que me tortura, que me abrasa,
Espero a cobiçada hora
Em que irei ver-te à tua casa;

Por enganar o meu desejo
De inteira e descuidada posse,
Ai de nós! que não antevejo
Uma só vez que ao menos fosse;

Sentindo em minha carne langue
Toda a volúpia do teu sonho,
Toda a ternura do teu sangue,
Minh'alma nestes versos ponho;

Por que os escondas de teu seio
No doce e pequenino vale,
– Por que os envolva o teu enleio,
Por que o teu hálito os embale;

E o meu desejo, que assim foge
Ao pé de ti e te acarinha,
Possa sentir que és minha hoje,
E és para todo o sempre minha...

Boda espiritual

Tu não estás comigo em momentos escassos:

No pensamento meu, amor, tu vives nua

– Toda nua, pudica e bela, nos meus braços.

O teu ombro no meu, ávido, se insinua.

Pende a tua cabeça. Eu amacio-a... Afago-a...

Ah, como a minha mão treme... Como ela é tua...

Põe no teu rosto o gozo uma expressão de mágoa.

O teu corpo crispado alucina. De escorço

O vejo estremecer como uma sombra n'água.

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.

E para amortecer teu ardente desejo

Estendo longamente a mão pelo teu dorso...

Tua boca sem voz implora em um arquejo.

Eu te estreito cada vez mais, e espio absorto

A maravilha astral dessa nudez sem pejo...

E te amo como se ama um passarinho morto.

Enquanto a chuva cai...

A chuva cai. O ar fica mole...

Indistinto... ambarino... gris...

E no monótono matiz

Da névoa enovelada bole

A folhagem como a bailar.

Torvelinhai, torrentes do ar!

Cantai, ó bátega chorosa,

As velhas árias funerais.

Minh'alma sofre e sonha e goza

À cantilena dos beirais.

Meu coração está sedento

De tão ardido pelo pranto.

Dai um brando acompanhamento

À canção do meu desencanto.

Volúpia dos abandonados...

Dos sós... – ouvir a água escorrer,

Lavando o tédio dos telhados

Que se sentem envelhecer...

Ó caro ruído embalador,

Terno como a canção das amas!

Canta as baladas que mais amas,

Para embalar a minha dor!

A chuva cai. A chuva aumenta.
Cai, benfazeja, a bom cair!
Contenta as árvores! Contenta
As sementes que vão abrir!

Eu te bendigo, água que inundas!
Ó água amiga das raízes,
Que na mudez das terras fundas
Às vezes são tão infelizes!

E eu te amo! Quer quando fustigas
Ao sopro mau dos vendavais
As grandes árvores antigas,
Quer quando mansamente cais.

É que na tua voz selvagem,
Voz de cortante, álgida mágoa,
Aprendi na cidade a ouvir
Como um eco que vem na aragem
A estrugir, rugir e mugir,
O lamento das quedas-d'água!

Ao crepúsculo

O crepúsculo cai, tão manso e benfazejo
Que me adoça o pesar de estar em terra estranha.
E enquanto o ângelus abençoa o lugarejo,
Eu penso em ti, apaziguado e sem desejo,
Fitando no horizonte a linha da montanha.

A montanha é tranquila e forte, e grande e boa.
Ela afaga o meu sonho. E alegra-me pensar
(Tanto a saudade a um tempo acalenta e magoa!)
Que tu, na doce paz da tarde que se escoo,
Teces o mesmo sonho, ouvindo e vendo o mar.

Embalada na voz do grande solitário,
Tu mortificarás teu casto coração
Na dor de revocar o noivado precário.
(Ah, por que te confiei o meu desejo vário?
Por que me desvendaste a tua sedução?)

Se nos aparta o espaço, o tempo – esse nos liga.
A lembrança é no amor a cadeia mais pura.
Tu tens o grande Amigo e eu tenho a grande Amiga:
O mar segredará tudo quanto eu te diga,
E a montanha dir-me-á tua imensa ternura.

Tu que me deste o teu cuidado...

Tu que me deste o teu carinho
E que me deste o teu cuidado,
Acolhe ao peito, como o ninho
Acolhe o pássaro cansado,
O meu desejo incontentado.

Há longos anos ele arqueja
Em aflitiva escuridão.
Sê compassiva e benfazeja.
Dá-lhe o melhor que ele deseja:
– Teu grave e meigo coração.

Sê compassiva. Se algum dia
Te vier do pobre agravo e mágoa,
Atende à sua dor sombria:
Perdoa o mau que desvaria
E traz os olhos rasos de água.

Não te retires ofendida.
Pensa que nesse grito vem
O mal de toda a minha vida:
Ternura inquieta e malferida
Que, antes, não dei nunca a ninguém.

E foi melhor nunca a ter dado:
Em te pungindo algum espinho,
Cinge-a ao teu seio angustiado.

E sentirás o meu carinho.

E sentirás o meu cuidado.

Madrugada

As estrelas tremem no ar frio, no céu frio...
E no ar frio pinga, levíssima, a orvalhada.
Nem mais um ruído corta o silêncio da estrada,
Senão na ribanceira um vago murmúrio.

Tudo dorme. Eu, no entanto, olho o espaço sombrio,
Pensando em ti, ó doce imagem adorada!...
As estrelas tremem no ar frio, no céu frio,
E no ar frio pingam as gotas da orvalhada...

E enquanto penso em ti, no meu sonho erradio,
Sentindo a dor atroz desta ânsia incontentada,
– Fora, aos beijos glaciais e cruéis da geada,
Tremem as flores, treme e foge, ondeando, o rio,

E as estrelas tremem no ar frio, no céu frio...

Cantilena

O solitude! O pauvreté!

Musset

O céu parece de algodão.
O dia morre. Choveu tanto!
As minhas pálpebras estão
Como embrumadas pelo pranto.

Sinto-o descer devagarinho,
Cheio de mágoa e mansidão.
A minha testa quer carinho,
E pede afago a minha mão.

Debalde o rio docemente
Canta a monótona canção:
Minh' alma é um menino doente
Que a ama acalenta mas em vão.

A névoa baixa. A obscuridade
Cresce. Também no coração
Pesada névoa de saudade
Cai. Ó pobreza! Ó solidão!

Clavadel, 1913

Delírio

Que será que desperta em mim neste momento
Uma inquietação que é quase uma agonia?
Há um soluço lá fora... É o soluço do vento,
E parece sair de minh'alma sombria.

Por que, na solidão desta tarde que morre,
Sinto o pulso bater em pancadas de medo?
Por que de instante a instante uma lembrança ocorre,
A que estremeço como a um terrível segredo?

Por que pensei em minha mãe agonizante?
Por que me acode a voz daquele amigo morto?
Será a sombra da morte aquela névoa errante,
E morrerei desamparado e sem conforto?...

Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!
Plange cada vez mais o soluço do vento,
E parece sair de minh'alma sombria.
Desânimo... Desesperança... Desalento...

Mãos femininas... Mãos ou de amante ou de esposa,
Quem me dera sentir em minha árida fronte
O aroma que impregnais, tocando, em cada cousa...
A carícia da brisa... A frescura da fonte...

Mas nenhuma virá, no instante em que me morro,
Dar-me a consolação deste longo martírio.

Nenhuma escutará o grito de socorro
Do meu penoso, do meu trágico delírio.

Que me importa o passado? À minha natureza
Repugna essa volúpia enorme da saudade.
Ó meu passado, ruinaria sem beleza!
Eu abomino a tua escura soledade.

O tempo... Horas de horror e tédio da memória...
Ah, quem mo reduzira ao minuto que passa,
– Fosse ele de paixão inerte e merencória,
Na solitude, no silêncio e na desgraça!

Clavadel, 1914

O suave milagre

Quando cheguei, a tua casa sossegada,
Tua casa colonial de telhas côncavas,
Tinha o aspecto infeliz de casa abandonada.

Tinha o ar de sofrer, numa funda saudade,
A dor fina e sem remissão da tua ausência,
Da tua adolescente e clara mocidade.

Não havia uma flor nas roseiras desertas,
E esse riso estival dos púrpuros gerânios
Na treva interior das janelas abertas.

A casa, hoje toda alegria hospitaleira,
Era uma capelinha a que uma mão sacrílega
Houvesse arrebatado a santa padroeira.

Mas a santa voltou na graça do milagre.
E por influência de seu gesto silente
Abriram rosas, e na graça do milagre
O jardim refloriu miraculosamente...

Desalento

Uma pesada, rude canseira
Toma-me todo. Por mal de mim,
Ela me é cara... De tal maneira,
Que às vezes gosto que seja assim...

É bem verdade que me tortura
Mais do que as dores que já conheço.
E em tais momentos se me afigura
Que estou morrendo... que desfaleço...

Lembrança amarga do meu passado...
Como ela punge! Como ela dói!
Porque hoje o vejo mais desolado,
Mais desgraçado do que ele foi...

Tédios e penas cuja memória
Me era mais leve que a cinza leve,
Pesam-me agora... contam-me a história
Do que a minh'alma quis e não teve...

O ermo infinito do meu desejo
Alonga, amplia cada pesar...
Pesar doentio... Tudo o que vejo
Tem uma tinta crepuscular...

Faço em segredo canções mais tristes
E mais ingênuas que as de Fortúnio:

Canções ingênuas que nunca ouvistes,
Volúpia obscura deste infortúnio...

Às vezes volto, por esquecê-la,
A vista súplice em derredor.
Mas tenho medo de que sem ela
A desventura seja maior...

Sem pensamentos e sem cuidados,
Minh' alma tímida e pervertida,
Queda-se de olhos desencantados
Para o sagrado labor da vida...

Teresópolis, 1912

Um sorriso

Vinha caindo a tarde. Era um poente de agosto.

A sombra já enoitava as moitas. A umidade

Aveludava o musgo. E tanta suavidade

Havia, de fazer chorar nesse sol-posto.

A viração do oceano acariciava o rosto

Como incorpóreas mãos. Fosse mágoa ou saudade,

Tu olhavas, sem ver, os vales e a cidade.

– Foi então que senti sorrir o meu desgosto...

Ao fundo o mar batia a crista dos escolhos...

Depois o céu... e mar e céus azuis: dir-se-ia

Prolongarem a cor ingênua de teus olhos...

A paisagem ficou espiritualizada.

Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia

Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada...

Natal

Penso em Natal. No teu Natal. Para a bondade
A minh'alma se volta. Uma grande saudade
Cresce em todo o meu ser magoado pela ausência.
Tudo é saudade... A voz dos sinos... A cadência
Do rio... E esta saudade é boa como um sonho!
E esta saudade é um sonho... Evoco-te... Componho
O ambiente cuja luz os teus cabelos douram.
Figuro os olhos teus, tristes como eles foram
No momento final de nossa despedida...
O teu busto pendeu como um lírio sem vida,
E tu sonhas, na paz divina do Natal...

Ó minha amiga, aceita a carícia filial
De minh'alma a teus pés humilhada de rastos.
Seca o pranto feliz sobre os meus olhos castos...
Ampara a minha fronte, e que a minha ternura
Se torne insexual, mais do que humana, – pura
Como aquela fervente e benfazeja luz
Que Madalena viu nos olhos de Jesus...

Clavadel, 1913

O anel de vidro

Aquele pequenino anel que tu me deste,
– Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...
Assim também o eterno amor que prometeste,
– Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou –
Aquele pequenino anel que tu me deste,
– Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe
Gritando maldições contra aquilo que amou.
De ti conservo na alma a saudade celeste...
Como também guardei o pó que me ficou
Daquele pequenino anel que tu me deste...

Desesperança

Esta manhã tem a tristeza de um crepúsculo.

Como dói um pesar em cada pensamento!

Ah, que penosa lassidão em cada músculo...

O silêncio é tão largo, é tão longo, é tão lento

Que dá medo... O ar, parado, incomoda, angustia...

Dir-se-ia que anda no ar um mau pressentimento.

Assim deverá ser a natureza um dia,

Quando a vida acabar e, astro apagado, a Terra

Rodar sobre si mesma estéril e vazia.

O demônio sutil das nevroses enterra

A sua agulha de aço em meu crânio doído.

Ouçõ a morte chamar-me e esse apelo me aterra...

Minha respiração se faz como um gemido.

Já não entendo a vida, e se mais a aprofundo,

Mais a descompreendo e não lhe acho sentido.

Por onde alongue o meu olhar de moribundo,

Tudo a meus olhos toma um doloroso aspeto:

E erro assim repellido e estrangeiro no mundo.

Vejo nele a feição fria de um desafeto.

Temo a monotonia e apreendo a mudança.

Sinto que a minha vida é sem fim, sem objeto...

– Ah, como dói viver quando falta a esperança!

Teresópolis, 1912

Renúncia

Chora de manso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria
Da tua inconsolável amargura.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.
Aprende a amá-la que a amarás um dia.
Então ela será tua alegria,
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...
Sofre sereno e de alma sobranceira,
Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira...

Teresópolis, 1906

Cronologia

1886

A 19 de abril, nasce Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, em Recife. Seus pais, Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro de Souza Bandeira.

1890

A família se transfere para o Rio de Janeiro, depois para Santos, São Paulo e novamente para o Rio de Janeiro.

1892

Volta para Recife.

1896-1902

Novamente no Rio de Janeiro, cursa o externato do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II.

1903-1908

Transfere-se para São Paulo, onde cursa a Escola Politécnica. Por influência do pai, começa a estudar arquitetura. Em 1904, doente (tuberculose), volta ao Rio de Janeiro para se tratar. Em seguida, ainda em tratamento, reside em Campanha, Teresópolis, Maranguape, Uruquê e Quixeramobim.

1913

Segue para a Europa, para tratar-se no sanatório de Clavadel, Suíça. Tenta publicar um primeiro livro, *Poemetos melancólicos*, perdido no sanatório quando o poeta retorna ao Brasil.

1916

Morre a mãe do poeta.

1917

Publica o primeiro livro, *A cinza das horas*.

1918

Morre a irmã do poeta, sua enfermeira desde 1904.

1919

Publica *Carnaval*.

1920

Morre o pai do poeta.

1922

Em São Paulo, Ronald de Carvalho lê o poema “Os sapos”, de *Carnaval*, na Semana de Arte Moderna.

Morre o irmão do poeta.

1924

Publica *Poesias*, que reúne *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto*.

1925

Começa a escrever para o “Mês Modernista”, página dos modernistas em *A Noite*.
Exerce a crítica musical nas revistas *A Ideia Ilustrada* e *Ariel*.

1926

Como jornalista, viaja por Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Belém.

1928-1929

Viaja a Minas Gerais e São Paulo. Como fiscal de bancas examinadoras, viaja para Recife. Começa a escrever crônicas para o *Diário Nacional*, de São Paulo, e *A Província*, do Recife.

1930

Publica *Libertinagem*.

1935

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema inspetor de ensino secundário.

1936

Publica *Estrela da manhã*, em edição fora de comércio.

Os amigos publicam *Homenagem a Manuel Bandeira*, com poemas, estudos críticos e comentários sobre sua vida e obra.

1937

Publica *Crônicas da Província do Brasil*, *Poesias escolhidas* e *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*.

1938

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Publica *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana* e o ensaio *Guia de Ouro Preto*.

1940

Publica *Poesias completas* e os ensaios *Noções de história das literaturas* e *A autoria das “Cartas chilenas”*.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras.

1941

Exerce a crítica de artes plásticas em *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

1942

Eleito para a Sociedade Felipe d’Oliveira. Organiza *Sonetos completos e poemas escolhidos*, de Antero de Quental.

1943

Nomeado professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia. Deixa o Colégio Pedro II.

1944

Organiza *Obras poéticas*, de Gonçalves Dias, e publica uma nova edição das *Poesias completas*.

1945

Publica *Poemas traduzidos*.

1946

Publica *Apresentação da poesia brasileira, Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos* e, no México, *Panorama de la poesía brasileña*.

Conquista o Prêmio de Poesia do IBEC.

1948

Publica *Poesias completas, Poesias escolhidas, Mafuá do malungo: jogos onomásticos e outros versos de circunstância*, em edição fora de comércio, e uma nova edição aumentada de *Poemas traduzidos*.

Organiza *Rimas*, de José Albano.

1949

Publica o ensaio *Literatura hispano-americana*.

1951

A convite de amigos, candidata-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, mas não se elege.

Publica nova edição, novamente aumentada, das *Poesias completas*.

1952

Publica *Opus 10*, em edição fora de comércio, e a biografia *Gonçalves Dias*.

1954

Publica as memórias *Itinerário de Pasárgada* e o livro de ensaios *De poetas e de poesia*.

1955

Publica *50 poemas escolhidos pelo autor e Poesias*. Começa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *Folha da Manhã*, de São Paulo.

1956

Publica o ensaio *Versificação em língua portuguesa*, uma nova edição de *Poemas traduzidos* e, em Lisboa, *Obras poéticas*.

Aposentado compulsoriamente como professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia.

1957

Publica o livro de crônicas *Flauta de papel* e a edição conjunta *Itinerário de Pasárgada/De poetas e de poesia*.

Viaja para Holanda, Inglaterra e França.

1958

Publica *Poesia e prosa* (obra reunida, em dois volumes), a antologia *Gonçalves Dias*, uma nova edição de *Noções de história das literaturas* e, em Washington, *Brief History of Brazilian Literature*.

1960

Publica *Pasárgada*, *Alumbramentos* e *Estrela da tarde*, todos em edição fora de comércio, e, em Paris, *Poèmes*.

1961

Publica *Antologia poética*. Começa a escrever crônicas para o programa Quadrante, da Rádio Ministério da Educação.

1962

Publica *Poesia e vida de Gonçalves Dias*.

1963

Publica a segunda edição de *Estrela da tarde* (acrescida de poemas inéditos e da tradução de *Auto sacramental do Divino Narciso*, de Sórora Juana Inés de la Cruz) e a antologia *Poetas do Brasil*, organizada em parceria com José Guilherme Merquior. Começa a escrever crônicas para o programa Vozes da cidade, da Rádio Roquette Pinto.

1964

Publica em Paris o livro *Manuel Bandeira*, com tradução e organização de Michel Simon, e, em Nova York, *Brief History of Brazilian Literature*.

1965

Publica *Rio de Janeiro em prosa & verso*, livro organizado em parceria com Carlos Drummond de Andrade, *Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista* e, em edição fora de comércio, o álbum *Preparação para a morte*.

1966

Recebe, das mãos do presidente da República, a Ordem do Mérito Nacional.

Publica *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*, com organização de Rubem Braga, *Estrela da vida inteira* (poesia completa) e o livro de crônicas *Andorinha, andorinha*, com organização de Carlos Drummond de Andrade.

Conquista o título de Cidadão Carioca, da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, e o Prêmio Moinho Santista.

1967

Publica *Poesia completa e prosa*, em volume único, e a *Antologia dos poetas brasileiros da fase moderna*, em dois volumes, organizada em parceria com Walmir Ayala.

1968

Publica o livro de crônicas *Colóquio unilateralmente sentimental*.

Falece a 13 de outubro, no Rio de Janeiro.

Bibliografia básica sobre Manuel Bandeira

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entre Bandeira e Oswald de Andrade. In: _____. *Tempo vida poesia: confissões no rádio*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. Manuel Bandeira. In: _____. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

_____ et al. *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, 1936. 2. ed. fac-similar, São Paulo: Metal Leve, 1986.

ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

ARRIGUCCI JR., Davi. A beleza humilde e áspera. In: _____. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

_____. Achados e perdidos. In: _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BACIU, Stefan. *Manuel Bandeira de corpo inteiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Manuel Bandeira, 100 anos de poesia: síntese da vida e obra do poeta maior do Modernismo*. Recife: Pool, 1988.

_____. Manuel Bandeira, estudante do Colégio Pedro II. In: _____. *Achados do vento*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1958.

BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BRASIL, Assis. *Manuel e João: dois poetas pernambucanos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.

CANDIDO DE MELLO E SOUZA, Antonio. Carrossel. In: _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.

_____; SOUZA, Gilda de Mello. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

CARPEAUX, Otto Maria. Bandeira. In: _____. *Ensaio reunidos: 1942-1968*. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

_____. Última canção – vasto mundo. In: _____. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

CASTELLO, José Aderaldo. Manuel Bandeira – sob o signo da infância. In: _____. *A literatura*

brasileira: origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

COELHO, Joaquim-Francisco. *Biopoética de Manuel Bandeira*. Recife: Massangana, 1981.

_____. *Manuel Bandeira pré-modernista*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

CORRÊA, Roberto Alvim. Notas sobre a poesia de Manuel Bandeira. In: _____. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

COUTO, Ribeiro. *Três retratos de Manuel Bandeira*. Organização de Elvia Bezerra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Forma e alumbramento: poética e poesia em Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

FONSECA, Edson Nery da. *Alumbramentos e perplexidades: vivências bandeirianas*. São Paulo: Arx, 2002.

FREYRE, Gilberto. A propósito de Manuel Bandeira. In: _____. *Tempo de aprendiz*. São Paulo: Ibrasa; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

_____. Dos oito aos oitenta. In: _____. *Prefácios desgarrados*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. v. 2.

_____. Manuel Bandeira em três tempos. In: _____. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2. ed. aumentada, Rio de Janeiro: Record, 1987. 3. ed. revista, São Paulo: Global, 2011.

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1998.

GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Divisão de Editoração, 1996.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Do penumbrismo ao Modernismo: o primeiro Bandeira e outros poetas significativos*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. (Org.). *Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira*. São Paulo: Humanitas, 2005.

GOYANNA, Flávia Jardim Ferraz. *O lirismo antirromântico em Manuel Bandeira*. Recife: Fundarpe, 1994.

GRIECO, Agrippino. Manuel Bandeira. In: _____. *Poetas e prosadores do Brasil: de Gregório de Matos a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Manuel Bandeira: beco e alumbramento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008.

IVO, Lêdo. *A república da desilusão: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

_____. Estrela de Manuel. In: _____. *Poesia observada: ensaios sobre a criação poética e matérias afins*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

_____. *O preto no branco: exegese de um poema de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: São José, 1955.

JUNQUEIRA, Ivan. Humildade, paixão e morte. In: _____. *Prosa dispersa: ensaios*. Rio de Janeiro:

Topbooks, 1991.

_____. *Testamento de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2. ed. revista, 2003.

KOSHIYAMA, Jorge. O lirismo em si mesmo: leitura de “Poética” de Manuel Bandeira. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Rocha. *Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

MARTINS, Wilson. Bandeira e Drummond... In: _____. *Pontos de vista: crítica literária 1954-1955*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. v. 1.

_____. Manuel Bandeira. In: _____. *A literatura brasileira: o Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1965. v. 6.

MERQUIOR, José Guilherme. O Modernismo e três dos seus poetas. In: _____. *Crítica 1964-1989: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

MORAES, Emanuel de. *Manuel Bandeira: análise e interpretação literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001.

MURICY, Andrade. Manuel Bandeira. In: _____. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936.

_____. Manuel Bandeira. In: _____. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.

PAES, José Paulo. Bandeira tradutor ou o esquizofrênico incompleto. In: _____. *Armazém literário: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Pulmões feitos coração. In: _____. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PONTIERO, Giovanni. *Manuel Bandeira: visão geral de sua obra*. Tradução de Terezinha Prado Galante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSENBAUM, Yudit. *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SENNA, Homero. Viagem a Pasárgada. In: _____. *República das letras: 20 entrevistas com escritores*. 2. ed. revista e ampliada, Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.

SILVA, Alberto da Costa e. Lembranças de um encontro. In: _____. *O pardal na janela*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

SILVA, Beatriz Folly e; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Vianna. *Inventário do arquivo Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. *Homenagem a Manuel Bandeira: 1986-1988*. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha/Presença, 1989.

SILVEIRA, Joel. Manuel Bandeira, 13 de março de 1966, em Teresópolis: “Venham ver! A vaca está comendo as flores do Rodriguinho. Não vai sobrar uma. Que beleza!”. In: _____. *A milésima segunda noite da avenida Paulista e outras reportagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLAÇA, Antonio Carlos. M. B. In: _____. *Encontros*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Brasília, 1974.

_____. Manuel, Manu. In: _____. *Diário de Faxinal do Céu*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

XAVIER, Elódia F. (Org.). *Manuel Bandeira: 1886-1986*. Rio de Janeiro: UFRJ/Antares, 1986.

XAVIER, Jairo José. *Camões e Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

© **Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira**

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org)

1ª Edição Digital, Global Editora, 2014

Jefferson L. Alves – diretor editorial

Gustavo Henrique Tuna – editor assistente

André Seffrin – coordenação editorial, estabelecimento de texto, cronologia e bibliografia

Flávio Samuel – gerente de produção

Eduardo Okuno - produção digital

Julia Passos – assistente editorial

Elisa Andrade Buzzo – revisão

Imagens:

Capa: Augusto Malta/Coleção Brascan Cem Anos no Brasil/Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 2, 3, 5, 6, 9: acervo pessoal de Manuel Bandeira, ora em guarda no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ.

p. 4: reprodução do exemplar da Biblioteca Acadêmica “Lúcio de Mendonça” da Academia Brasileira de Letras.

p. 8: Fundação Biblioteca Nacional-RJ.

p. 9: Sebastião B./Manchete.

Todas as iniciativas foram tomadas no sentido de estabelecer-se as suas autorias, o que não foi possível em todos os casos. Caso os autores se manifestem, a editora dispõe-se a creditá-los.

A Global Editora agradece à Solombra – Agência Literária pela gentil cessão dos direitos de imagem de Manuel Bandeira.

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B166c

Bandeira, Manuel, 1886-1968

A cinza das horas [recurso eletrônico] / Manuel Bandeira ; apresentação Cláudio Neves ; coordenação editorial André Seffrin. – 1 ed. – São Paulo : Global, 2014.

recurso digital : il.

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-260-2029-0 (recurso eletrônico)

1. Bandeira, Manuel, 1886-1968. 2. Poesia brasileira. 3. Livros eletrônicos.

I. Neves, Cláudio. II. Seffrin, André, 1965-. III. Título.

14-09765

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Obra atualizada conforme o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa



Direitos Reservados

global editora e distribuidora ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: global@globaleditora.com.br

www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **3475.eb**